

0.1. TEORIAS DA EDUCAÇÃO: NATUREZA E DEFINIÇÃO

DEFINIÇÃO

Este livro constitui uma introdução às principais teorias contemporâneas em educação. Entendemos por teoria da educação *toda e qualquer reflexão sobre a educação que inclua uma análise dos problemas e das propostas de mudança*. A maior parte das vezes, vêm acompanhadas de reflexões sobre as finalidades da educação, a noção de aprendizagem, os papéis dos docentes, o lugar do estudante, o alcance dos conteúdos e a pertinência sociocultural da educação.

Por outras palavras, as teorias da educação são conjuntos sistematizados das percepções e das representações que as pessoas têm da organização da educação e que são utilizadas na evolução (para o melhor ou para o pior, pouco importa) desta organização. Uma teoria da educação é uma imagem fabricada da realidade que serve de referência, incitante ou inibidora, à mudança organizacional. Assim, poderia ser sensato falar de imagens organizacionais:

AS TEORIAS, OS MODELOS, OS PARADIGMAS, AS FILOSOFIAS

Utilizaremos, de forma distinta, as seguintes expressões: teorias da educação, modelos educacionais, paradigmas educacionais e filosofias da educação. Obviamente, cada uma destas expressões tem um sentido particular que a distingue das outras. Assim, a noção de *paradigma* insiste na estrutura do conhecimento numa dada área; esta estrutura torna-se um modelo a imitar (por exemplo; há uma determinada maneira de fazer pesquisa em educação e esse modo de fazer é ensinado e... exigido!). O conceito de *filosofia da educação* remete mais para considerações gerais sobre as relações entre a educação, a sociedade, o meio, o conhecimento. A noção de *modelos educacionais* faz-nos dirigir a nossa atenção para as regras e os valores que devem presidir à planificação da educação e à organização das actividades pedagógicas (Joyce e Weil, 1996; Legendre, 1993). Há, por conseguinte, um lado prático e prescribente mais evidente do que nas noções de paradigma ou de filosofia.

No entanto, não desejamos perder-nos em considerações demasiado epistemológicas acerca das diferenças entre estas expressões! Com efeito, recordemo-lo, queremos ficar-nos por um nível de introdução.

O GRAU DE SISTEMATIZAÇÃO

Em geral, entende-se por teoria um conjunto de ideias, organizadas mais ou menos sistematicamente, sobre um dado assunto. Todavia, é forçoso verificar que o grau de sistematização das teorias em educação varia muito de autor para autor e de corrente para corrente. Assim, uns dão muita importância à descrição dos fundamentos filosóficos das suas teorias. Outros insistirão mais nas estratégias pedagógicas necessárias para mudar a realidade quotidiana. Por isso é que a nossa apresentação das teorias tenta reflectir, com a maior precisão possível, a parte de teorização que os autores acederam em meter nos seus textos sobre a educação. Consequentemente, a nossa apresentação das teorias espiritualistas não pode ser a equivalente da apresentação das teorias construtivistas, pois não se insistiu muito nas estratégias pedagógicas na corrente espiritualista.

Gostaríamos de salientar o facto de uma teoria da educação compreender uma parte subjectiva: o prisma daquele que a propõe. Uma

teoria da educação fundamenta-se na representação da realidade educativa que um teórico tem e é, por consequência, sujeita a interpretação! Por outro lado, há que notar que a escolha de um tema dominante, efectuado pelos teóricos, não significa o abandono dos outros aspectos da educação. A maior parte dos teóricos da educação que, por exemplo, insistem no desenvolvimento da autonomia da criança também deseja uma boa inserção do aluno na sociedade. Assim, Adler propõe formar bons cidadãos, no sentido patriótico elevado, e Gagné insiste na necessidade de edificar sistematicamente o método de ensino, de forma a permitir ao estudante o seu correcto funcionamento na sociedade. Rogers afirma que uma sociedade só pode progredir se os indivíduos que a compõem evoluírem num plano pessoal.

Analisamos em particular as que, ao longo destas últimas décadas, marcaram a reflexão sobre o que a educação deveria ser. Por exemplo, veremos que as teorias da educação de Rogers, de Adler e de Dornach evidenciam estas duas facetas da educação: crítica do sistema actual e propostas de mudança. Deste modo, Rogers ataca o sistema tradicional, por um lado, e propõe, por outro, outra visão, que insiste na personalidade do discente enquanto fundamento da educação. Esta visão rogeriana salienta o facto de que é o discente que se proporciona a si mesmo os conhecimentos em função dos seus interesses e dos seus objectivos. O discente está no centro do modelo de Rogers. Quanto a Adler, nos Estados Unidos, ou a Dornach, em França, estes, insistem no valor máximo da transmissão da cultura geral. Afirmam que, sem ela, sem lembrança das obras que marcaram a história, muito simplesmente não há educação.

0.2. NECESSIDADE DE UMA CLASSIFICAÇÃO DAS TEORIAS EM EDUCAÇÃO

Parece-nos necessário classificar as teorias da educação, posto que o seu número, demasiado grande, em nada facilita tanto a compreensão como a escolha de orientações para eventuais mudanças em educação.

A classificação proposta compreende sete categorias: *espiritualista, personalista, psicocognitiva, tecnológica, sociocognitiva, social e académica*. Existe, como é óbvio, várias maneiras de categorizar os discursos e as práticas em educação. Vários investigadores franceses propuseram tipo-

logias dos modelos educativos: D. Hameline, (1971); G. Snyder, (1973); G. Avanzini, (1975); L. Not, (1979); J. Ardoino, (1980); G. Lerbert, (1980) e J. Houssaye, (1987). Também houve teóricos americanos que fizeram a mesma coisa. Seja o bastante mencionar Eisner e Vallance, (1973); Lapp e colegas, (1975); Vallance (1986); Joyce e Weil, (1996). Vallance voltou, em 1986, a lançar um segundo olhar à sua classificação dos anos 70 e escolheu manter a posição inicial. Valois e Bertrand propõem, em *École et sociétés* (1992), uma classificação dos paradigmas educacionais.

A presente classificação dá conta da vertiginosa evolução dos movimentos cognitivo e sociocognitivo. As pesquisas sobre o processo do conhecimento, as tecnologias da informação, as didáticas socioculturais, enriquecem o pensamento sobre a educação. Finalmente, há que notar que uma classificação apenas serve para varrer o terreno e fazer surgir formas características e representativas. É neste espírito que se

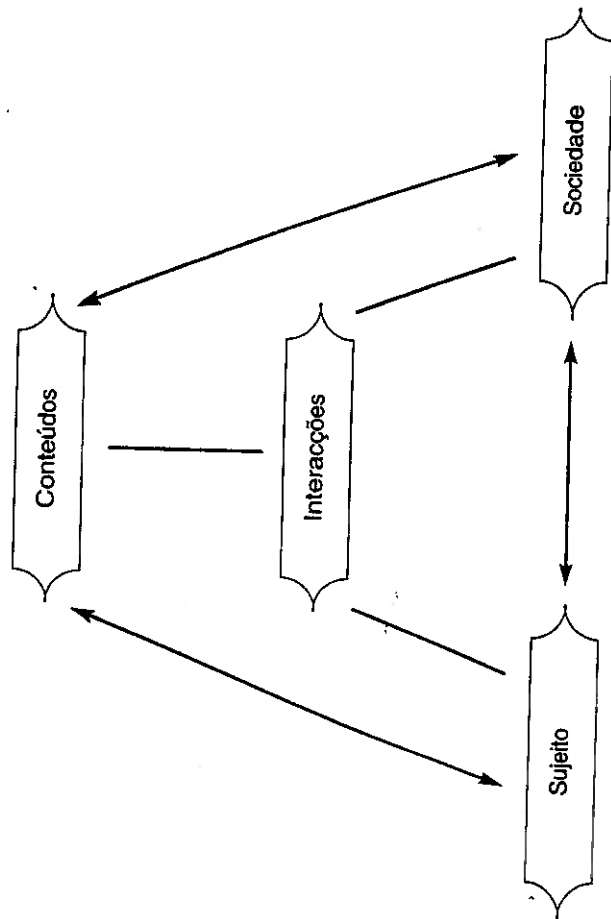


FIGURA 1 — Quatro componentes das teorias da educação

deve perceber a classificação efectuada em função de quatro elementos polarizadores das reflexões sobre a educação:

- O sujeito (o estudante);
- Os conteúdos (matérias, disciplinas);
- A sociedade (os outros, o mundo, o meio, o Universo);
- As interações pedagógicas entre estes três pólos (o docente, as tecnologias de comunicação).

A figura 1 ilustra a posição das teorias contemporâneas relativamente aos quatro elementos polarizadores destas teorias. Esta é uma primeira descrição das características que nos permitem ligar as teorias a um destes pólos.

O PÓLO SUJEITO

Encontramos no pólo Sujeito pelo menos duas grandes correntes: a corrente *espiritualista* e a corrente *personalista*. Na primeira, trata-se da relação transcendental e espiritual entre o homem e o universo. O ser humano acede, pelo meio das suas intenções e das suas intuições, a uma dimensão espiritual da sua relação com o Universo. As religiões e as filosofias metafísicas orientam as reflexões nessa área do pensamento educativo. De igual modo, reconhecemos a este pólo uma segunda corrente, *personalista*, também chamada *humanista*, *libertária* ou *orgânica*. Esta corrente caracteriza-se por focar a dinâmica interna da pessoa: necessidades, aspirações, desejos, pulsões, energia, etc.

O PÓLO SOCIEDADE

Pode-se ligar ao pólo sociedade as teorias que definem o objectivo da educação como sendo a importante transformação da sociedade e do indivíduo, habitualmente, na perspectiva de uma maior justiça social. A educação é fundamentalmente uma questão de estruturas socioculturais. Deve desempenhar um importante papel na transformação da sociedade e da cultura. Veremos que várias teorias educativas propõem formar as pessoas para que mudem a sociedade.

O PÓLO CONTEÚDOS

Associam-se ao pólo conteúdos as teorias académicas, para as quais os conhecimentos a ensinar, tal como a literatura clássica e a matemática, têm uma estrutura objectiva e independente do estudante ou da sociedade. Estes valores e conteúdos existem por si, pouco importando a psicologia humana e as estruturas sociais. Pode-se distinguir duas importantes tendências. Os tradicionalistas interessam-se pelo retorno aos valores clássicos. Os generalistas, estes, estão fascinados pelas capacidades como o pensamento crítico, a reflexão lógica, etc.

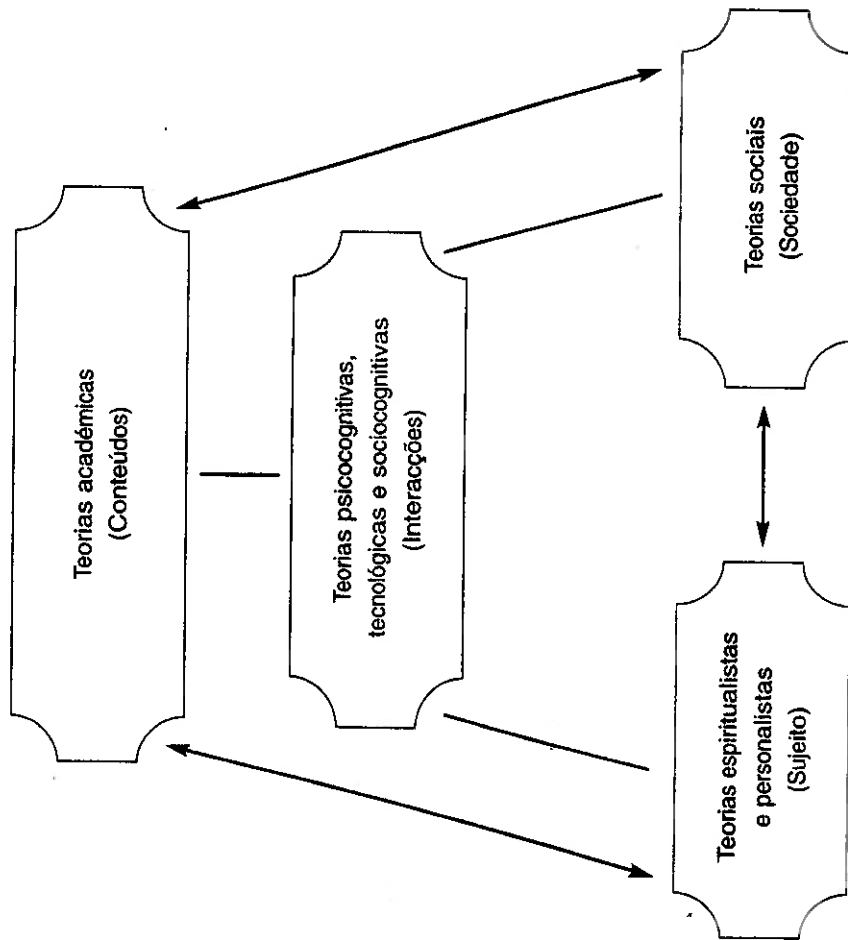


FIGURA 2 — Teorias da educação apresentadas a partir dos quatro pólos

AS INTERACÇÕES ENTRE OS TRÊS PÓLOS

Entre os três pólos, encontram-se as interações que fundamentam as teorias mais didácticas. Podemos detectar três tendências. As teorias tecnológicas interessam-se, essencialmente, pela modelização das interações entre um sujeito, a sociedade e os conteúdos. O ser humano define-se então como uma entidade que trata informação e se «alimenta» com o auxílio dos *media*. As teorias psicocognitivas, analisadas neste livro, referem-se, essencialmente, às didácticas construtivistas concebidas a partir da psicologia da aprendizagem. As teorias sociocognitivas interessam-se muito particularmente pelo impacto dos factores culturais e sociais na aprendizagem.

A figura 2 esboça um quadro sumário das teorias contemporâneas da educação.

0.3. APRESENTAÇÃO DAS GRANDES CORRENTES DA EDUCAÇÃO

Isto é um breve resumo de cada uma das grandes correntes que podemos detectar nas teorias contemporâneas da educação.

AS TEORIAS ESPIRITUALISTAS

Uma velha corrente da educação renasceu das suas cinzas no começo dos anos 70. Trata-se da corrente espiritualista, também chamada metafísica ou transcendental, que fascina, em particular, as pessoas preocupadas com a dimensão espiritual da vida neste mundo e o sentido da vida. Os adeptos das teorias espiritualistas da educação interessam-se pela relação entre o sujeito e o Universo numa perspectiva metafísica. Estas teorias inscrevem-se frequentemente na «nova» corrente sociocultural, chamada Nova Época (*Newel Age*), isto embora se preocupem mais com valores descritos em textos ameadados vezes milenários. As religiões e as filosofias orientais alimentam muito as reflexões sobre a educação. O budismo *Zen* e o taoísmo são amíde citadas enquanto fontes dominantes desta corrente educativa.

Nesta corrente espiritualista, encontramos as teorias educativas de Harman, de Fotinas, de Maslow, de Leonard, de Ferguson, de Krishnamurti e de Barbier, centradas nos valores ditos espirituais. A primeira deve aprender a libertar-se do conhecido e a ultrapassar-se,

dominar o seu desenvolvimento espiritual utilizando as suas energias interiores e canalizando-as em actividades como a meditação e a contemplação. A energia encontra-se no interior da pessoa. É apresentada sob denominações diversas, como Deus, o Tao, o Invisível, a Energia divina, etc. O ser humano deve pôr-se em contacto com a divindade, que está presente dentro dele e em toda a parte do Universo. Deve tentar atingir, pela via da intuição, esta natureza divina e espiritual que deve guiá-lo e na qual há que confiar.

AS TEORIAS PERSONALISTAS

As teorias personalistas, também chamadas humanistas, libertárias, não directivas, orgânicas, pulsionais, livres ou abertas, apoiam-se essencialmente nas noções de sujeito, de liberdade e de autonomia da pessoa. É a pessoa em situação de aprendizagem que deve dominar a sua educação utilizando as suas energias interiores. As teorias educativas agrupadas nesta categoria insistem muito no papel facilitador que o docente deve desempenhar na sua relação com os alunos. O educador deve continuamente visar a auto-actualização da criança. A flexão de Rogers ainda permanece um excelente exemplo desta visão da educação. Tanto no Quebec como em França ou nos Estados Unidos, ainda se continua a fazer referência à sua concepção da educação, que salienta a liberdade do estudante, os seus desejos e a sua vontade de aprender. Nos decénios de 60 e 70, houve uma proliferação de escolas livres, abertas, alternativas, que se inspiraram numa abordagem do desenvolvimento integral da criança.

AS TEORIAS PSICOCOGNITIVAS

As teorias psicocognitivas preocupam-se com o desenvolvimento dos processos cognitivos no aluno, tal como o raciocínio, a análise, a resolução de problemas, as representações, as concepções preliminares, as imagens mentais, a metacognição, etc. Frequentissimamente, os fundamentos destas teorias educativas encontram-se nas pesquisas psicológicas cognitivistas que incidiram sobre diversos aspectos da aprendizagem. As teorias cognitivistas interessam-se mais pelos processos internos do espírito, ao passo que as behavioristas se interessam mais pelos efeitos do meio sobre a aprendizagem e, mais precisamente, pelas relações funcionais entre a organização do meio pedagógico e os comportamentos no ser humano. Neste livro, limitamo-nos às teorias construtivistas que colocam a tónica na elaboração do conhecimento.

AS TEORIAS TECNOLÓGICAS

Em geral, as teorias tecnológicas, também chamadas tecnossistémicas ou sistémicas, acentuam a melhoria da mensagem pela via do recurso a tecnologias apropriadas. Há que dar um sentido muito lato à palavra «tecnologia». Isto inclui tanto os procedimentos tal qual os encontramos nas abordagens sistémicas e no *design* do ensino como, também, o material didáctico de comunicação e de tratamento de informação: computadores, televisão, vídeo, leitor de cassetes, DVD, CD, etc. A tendência mais recente é para os hipermedia, os sites de *internet*, os meios de comunicação entre as pessoas, os ambientes informatizados de aprendizagem e o *software* interactivo. Por exemplo, os objectivos consistem em criar novos ambientes hipermediáticos que apelem a conceitos e a ferramentas de inteligência artificial, que simulem cenas da vida real enquanto experiência de laboratório com ajudas como (1) ROM que contém quantidades fenomenais de imagens e de comentários sonoros.

A maioria destas investigações contam com as impressionantes capacidades do computador para tratar informações. Este pode facilmente gerar múltiplas fontes de informação, quer sejam imagens, sons, escrita, etc. é aquilo a que chamamos os *hipermedia*. As pesquisas também incidem na melhoria da qualidade da interacção entre a pessoa e o computador. Estas investigações têm um impacto na pedagogia, mesmo que a penetração destas mudanças no mundo escolar, isto é, no «verdadeiro» mundo, se faça lentamente.

AS TEORIAS SOCIOCOGNITIVAS

Esta corrente da educação insiste nos factores culturais e sociais na construção do conhecimento. Trata-se, por conseguinte, das interacções socioculturais que moldam a pedagogia e a didáctica. Há que observar a presença desta corrente dinâmica, nomeadamente em França, nos Estados Unidos e no Canadá, onde um grande número de investigadores se interroga acerca do domínio da corrente cognitivista em pesquisa. Nota-se mais particularmente os problemas colocados por uma visão demasiadamente psicológica da educação e insiste-se muito na dimensão sociocultural do conhecimento.

As teorias psicocognitivas descrevem as condições sociais e culturais do ensino e da aprendizagem. Algumas teorias insistem na análise

Quadro geral das teorias

Teorias	Elementos estruturantes	Autores
1. Espiritualistas	Valores espirituais inscritos na pessoa, metafísica, Tao, Deus, intuição, imanência ou transcendência do Cosmos.	Barbier, Bucke, Capra, Éliade, Emerson, Ferguson, Fontinas, Harman, Henderson, Jung, Krishnamurti, Lao-Tsu, Leonard, Thoreau, Valois.
2. Personalistas	Crescimento da pessoa, inconsciente, afetividade, desejos, pulsões, interesses, o eu.	Adler, Angers, Caouette, Freud, Lewin, Maslow, Neill, Paquette, Paré, Rogers.
3. Psicocognitivas	Processos de aprendizagem, conhecimentos preliminares, representações espontâneas, conflitos cognitivos, perfis pedagógicos, cultura pré-científica, construção do conhecimento, metacognição.	Anderson, Bachelard, Bednarz, Bourgeois, De la Garanderie, Giordan, Larochele e Désautels, Piaget, Tardif, Taurisson.
4. Tecnológicas	Hipermediática, tecnologias da comunicação, informática, média, abordagem sistêmica do ensino.	Briggs, Carroll, Cunningham, Dick e Carrey, Gagné, Glaser, Landa, Mager, McMahon, O'Neill, Prigent, Skinner, Stotovitch.
5. Sociocognitivas	Cultura, meio social, meio ambiente, determinantes sociais do conhecimento, interações sociais, comunidades de discentes, cognição distribuída.	Bandura, Barth, A. Brown, J. L. Brown, Bruner, Campione, Clancy, Collins, Cooper, Doise, Duguid, Frenay, Gilly, Greeno, Houssaye, Johnson e Johnson, Joyce, Kagan, Lefebvre-Pinard, McLean, Mugny, Palinscar, Pea, Perkins, Rogoff, Sharan, Sims, Slavin, Viau, Turiel, Vygotsky.
6. Sociais	Classes sociais, determinismos sociais da natureza humana, problemas ambientais e sociais, poder, libertação; mudanças sociais.	Apple, Aronowitz, Bourdieu, Dewey, Forquin, Freire, Giroux, Grand'Maison, Illich, Janisch, Lapassade, McLaren, Passeron, de Rosnay, Shor, Sleeter, Stanley, Toffler, Young.
7. Acadêmicas	Conteúdos, matérias, disciplinas, raciocínio, intelecto, cultura ocidental, competição acadêmica, humanidades greco-latinas, lógica, obras clássicas, espírito crítico, tradições.	Adler, Bloom, Conselho Superior de Educação, Domenach, Ethier, Gadbois, Gilson, Henry, Hirsch, Hutchins, Laliberté, Lavallée, Marsolais, Paul, Scriven.

contemporâneas da educação

Fontes	Terminologia americana
Metafísica, filosofias orientais, mística, taoísmo, budismo, filosofia eterna.	Cosmic consciousness, perennial philosophy, metaphysics, eastern philosophy.
Psicologia humanista, personalismo, hermenêutica, psicanálise.	Romantic humanism, naturalism, non-deterministic free school, open education.
Psicologia piagetiana, psicologia cognitiva, epistemologia construtivista.	Cognitive development, misconceptions, developmental psychology.
Cibernética, sistêmica, teoria das comunicações, behaviorismo, inteligência cognitiva.	Computer-based training, intelligent learning environment, instructional design, minimal training, virtual environment, systems approach.
Sociologia, antropologia, psicossociologia.	Cooperative learning, cooperative teaching, pragmatism, social cognitive education, socio-conflict, situative learning, distributed cognition, communities of practice, culture embeddedness, social meditation.
Sociologia, marxismo, ciências políticas, teoria crítica, ecologia, estudos feministas, ciências do ambiente.	Progressive education, reconstructivism, marxist theory of education, empowering education, critical teaching, multicultural democracy.
Literatura clássica, filosofia, cultura geral.	Basics, classical realism, humanities, essentialism, general education, liberal arts, critical thinking.

das interações sociais de cooperação na construção dos saberes e põem uma pedagogia cooperativa, de modo a sensibilizar os alunos para essa maneira de trabalhar. Outras insistem nos fundamentos culturais da educação e propõem incluir a necessária dimensão cultural na pedagogia. Assim, elas irão opor-se ao movimento cognitivo, sobretudo individualista, preocupado com a própria natureza do processo do conhecimento.

AS TEORIAS SOCIAIS

As teorias sociais assentam no princípio de que a educação deve permitir resolver os problemas sociais, culturais e ambientais. A educação teria como missão principal preparar os alunos para a descoberta de soluções para esses problemas. Os temas favoritos dos investigadores são as desigualdades socioculturais, a hereditariedade sociocultural, as diferentes formas de segregação, o elitismo, os problemas do ambiente, os impactos negativos da tecnologia e da industrialização e a degradação da vida no planeta Terra.

AS TEORIAS ACADÉMICAS

As teorias académicas, também chamadas funcionalistas, tradicionalistas, generalistas ou clássicas, focam a sua atenção na transmissão dos conhecimentos gerais. Habitualmente, opõem-se à empresa demasiado grande da formação especializada. Dois grupos de pensadores dividem entre si a corrente académica: os *tradicionalistas* e os *generalistas*. Os tradicionalistas querem que se transmita conteúdos clássicos e independentes das culturas e das estruturas sociais actuais. Os generalistas apostam numa formação geral preocupada com o espírito crítico, a capacidade de adaptação, a abertura de espírito, etc. Em ambos os casos, o papel do docente consiste em transmitir estes conteúdos e o papel do estudante em assimilá-los. As teorias académicas contam com a exposição, pelos professores, dos conhecimentos que formam o âmago da cultura geral. É frequente apostar na excelência, como objectivo constante, e no esforço máximo, a fornecer nos estudos e no trabalho. Os valores a que mais frequentemente se referem são a disciplina, o trabalho empenhado, o respeito da tradição e dos valores democráticos, assim como o sentido cívico.

Segue-se um quadro que apresenta as principais características das teorias contemporâneas da educação.